

TRENTINOS E ITALIANOS NA PERIFERIA DA COLÔNIA BLUMENAU

TRENTINI E ITALIANI ALA PERIFERIA DELLA COLÔNIA BLUMENAU

Norberto Dallabrida¹

RESUMO

A Colônia Blumenau, localizada no Médio Vale do Itajaí-Açu e parte integrante da Província de Santa Catarina, foi formada inicialmente por alemães, mas, a partir de 1875 passou a ser ocupada por imigrantes trentinos e italianos. Inicialmente estabeleceram-se na Colônia Blumenau os trentinos, súditos do Império Austro-Húngaro de fala italiana, e, em seguida, os italianos – especialmente do Vêneto e da Lombardia. Este artigo procura compreender duas dimensões da colonização empreendida pelos imigrantes trentinos e italianos na periferia da Colônia Blumenau desde a chegada da primeira leva deles (1875) até a Primeira Guerra Mundial. Por um lado, procura colocar o foco sobre a ocupação do espaço colonial, baseado na pequena propriedade familiar policultora, mas também acerca da constituição de sociedades cooperativas. De outra parte, explora a nucleação comunitária em torno das capelas identificadas pelo santo padroeiro, bem como pela disputa pela sede paroquial, que conferia distinção social. Por meio do estabelecimento de sedes paroquiais e de cooperativas, esses imigrantes lutaram por sua autonomia religiosa e econômica em relação ao domínio germânico na Colônia Blumenau.

Palavras-chave: Trentinos; Italianos; Colônia Blumenau; Paróquia; Cooperativa.

RIASSUNTO

La Colônia Blumenau, situata nella Media Valle di Itajaí-Açu e parte integrante della Provincia de Santa Catarina, fu inizialmente formata da tedeschi, ma, dal 1875 cominciò ad essere occupata da immigranti trentini e italiani. Nella Colônia Blumenau si stabilirono dapprima i trentini, sudditi dell'Impero Austro-Ungarico di lingua, poi gli italiani, proveniente soprattutto dal Veneto e dalla Lombardia. Questo articolo si propone di comprendere due dimensioni della colonizzazione intrapresa da immigranti trentini e italiani alla periferia della Colônia Blumenau dall'arrivo della prima ondata (1875) fino alla Prima Guerra Mondiale. Da un lato, cerca di concentrarsi sull'occupazione dello spazio coloniale, basata su piccole proprietà di policultora familiare, ma anche sulla costituzione di società cooperative. Dall'altro, esplora la formazione della comunità attorno alle cappelle individuate dal santo patrono, nonché la disputa sulla sede parrocchiale, che conferiva distinzione sociale. Attraverso la creazione di

¹ Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (1984), mestrado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (1993) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2001). Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Alcalá de Henares (2013) e atuou como professor visitante na Université Paris Nanterre (2019).

sedi parrocchiale e cooperative, questi immigranti lottarono per la loro autonomia religiosa ed economica rispetto al dominio tedesco a Colônia Blumenau.

Parole chiave: Trentini; Italiani; Colônia Blumenau; Parrocchia; Cooperativa.

INTRODUÇÃO

A partir de 1875, dialetos italianos passaram a ser falados na germânica Colônia Blumenau. Localizada no Médio Vale do Itajaí-Açu e parte integrante da Província de Santa Catarina, esta colônia foi criada em 2 de setembro de 1850, pelo estabelecimento de 17 imigrantes alemães e luteranos chefiados por Hermann Bruno Otto Blumenau. Dez anos depois, foi vendida ao Governo Imperial, mas Blumenau continuou a exercer, de forma rigorosa, a função de diretor da colônia que tinha o seu sobrenome até 1882, quando retornou à Alemanha (Silva, 1972). Em 1854 começaram a ingressar na Colônia Blumenau os primeiros imigrantes alemães católicos, que passaram a ter assistência religiosa em uma pequena capela do padre Gattone, da vizinha Freguesia de São Pedro de Gaspar. Em 1873 foi criada a Freguesia de São Paulo Apóstolo na sede da Colônia Blumenau, tendo como limites os mesmos do distrito colonial, mas a assistência religiosa continuou muito precária, sendo feita por sacerdotes de outras vilas, especialmente o padre Carlos Boegerhausen – vigário de Joinville (Bohn, 1989). Em uma época em que o Estado brasileiro tinha a Igreja Católica como religião oficial, na Colônia Blumenau, os católicos viviam como minoria religiosa.

A expansão do povoamento da Colônia Blumenau deu-se no rio acima, ou seja, da sede colonial em direção à Serra Geral, espraiando-se nos seus vários e caudalosos afluentes. Os novos núcleos coloniais germânicos foram formados nas confluências dos rios, como em Indaial, onde o rio Benedito desaguava no Itajaí-Açu; e em Timbó, local onde o rio dos Cedros se encontra com o rio Benedito. Com a inibição oficial do deslocamento de alemães para o Brasil, a partir de 1875, imigrantes trentinos² deram continuidade à ocupação territorial da Colônia Blumenau. A partir da Timbó, eles ocuparam os caminhos de Rodeio, dos Tirolezes e dos Pomeranos, que passaram a dar outro tom étnico à colônia germânica do Médio Vale do Itajaí-Açu. Nos anos seguintes, além da continuidade da vinda de imigrantes trentinos, passaram a chegar os súditos do recém-unificado Reino da Itália, especialmente das regiões do Vêneto e da Lombardia (Grosselli, 1987). A imigração trentina e italiana concentrou-se nos anos de 1875 e 1876, sendo

2 Os trentinos eram súditos do Império Austro-Húngaro, habitavam a região do Tirol do sul ou meridional (que foi anexada à Itália somente em 1918) e falavam dialetos italianos. Por isso, sua cultura era marcada pela germanização da Áustria e vários deles também falavam a língua alemã.

significativa até 1892 e, segundo Gensch (apud Silva, 1972, p.136), nesse período imigraram para a Colônia Blumenau 1.470 trentinos e 1.293 italianos, o que indica um certo equilíbrio entre os dois grupos de imigrantes de fala italiana.

A imigração trentina e italiana para a Colônia Blumenau era parte integrante de um amplo e irrefreável deslocamento em massa de homens e mulheres que atravessaram o Atlântico em busca de uma vida melhor na “América”. Nos anos 1870, após a unificação política, a Itália viveu um período de intensas transformações, dentre as quais a principal foi o avanço do capitalismo, que desestruturou as sociedades rurais “tradicionais” e provocou êxodo rural para as cidades e para outros países. A este processo estrutural somaram-se fatores de caráter conjuntural tais como catástrofes naturais, principalmente enchentes, a excessiva carga de impostos sobre colonos e meeiros e os prolongados anos de serviço militar (Grosselli, 1987). Como anota Grosselli (1987, p. 101-2), a emigração representava a busca da liberdade para os camponeses trentinos e italianos:

Neste sonho [da emigração] estava presente tudo o que a classe camponesa anelava: a terra em abundância e sobretudo a propriedade, mas também a falta dos ricos e do seu sistema social e, enfim, a promessa que a família camponesa teria sido finalmente unida e que seu chefe ou filho não teriam sido enviados cada quatro ou cinco anos a combater na guerra. Uma extensão de terra suficientemente grande, livre de qualquer vínculo, em que pudessem trabalhar e manter a própria família era o centro essencial das esperanças camponesas. E os estados da América do Sul estavam aí para prometé-la tanta e quase gratuita. Esta era a verdadeira liberdade, a verdadeira independência.

A massa camponesa expulsa de países europeus pelo avanço do capitalismo interessava ao Governo Imperial do Brasil como mão de obra na emergente economia cafeeira no Sudeste e para colonizar áreas escassamente povoadas por indígenas. Assim, a ocupação trentina e italiana na Colônia Blumenau se insere no processo de colonização da segunda metade do século 19 no sul do Brasil e no Espírito Santo, efetuado com imigrantes europeus fixados em pequenos lotes de agricultura diversificada, trabalhados com mão de obra familiar. Nesse tipo de colonização ocorreu o “povoamento disperso” (Seyferth, 1990, p. 22-3), em que as casas se encontravam afastadas umas das outras em média duzentos metros, com exceção de pequenos povoados, onde havia certa concentração de residências, a capela e a casa comercial. Na Colônia Blumenau, foram povoados dessa forma os

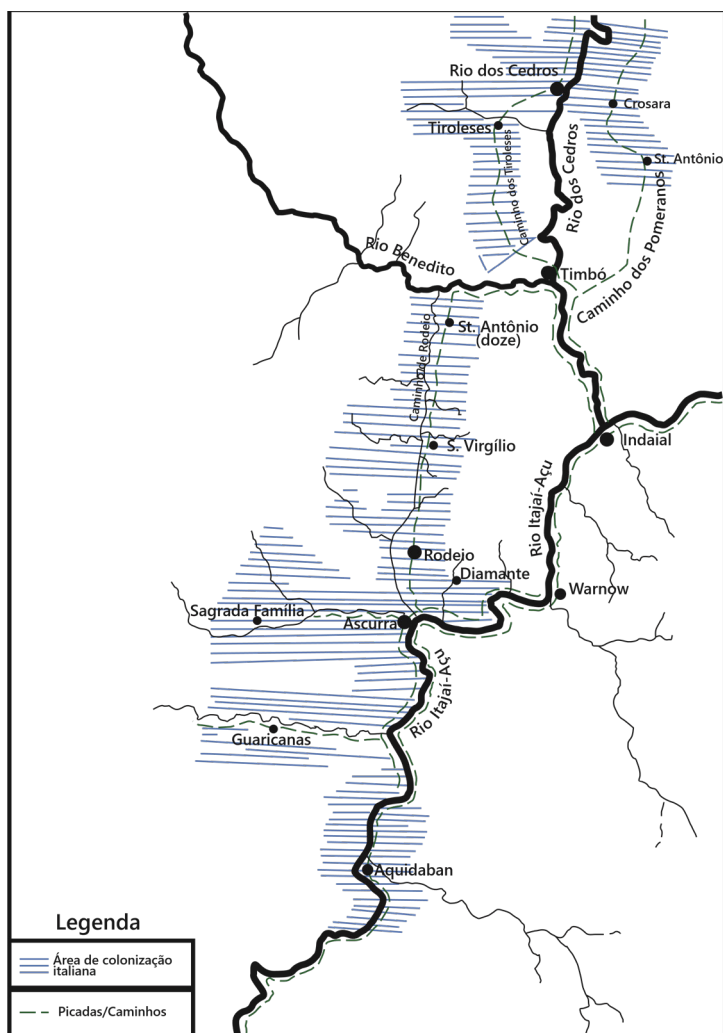
vales do rio Itajaí-Açu e seus tributários, como anotou Vicenzi (1904, p.24-5):

a disposição topográfica desses vastos territórios era a melhor possível para a colonização. São bacias mais ou menos paralelas, formadas por diversos rios de maior ou menor grandeza, sendo que os menores desembocam nos maiores, e estes lançam suas águas no maior do município (de Blumenau) que é o próprio Itajaí. Essas bacias são planícies da largura média de um a dois quilômetros. Essas planícies são ladeadas por cadeias de altas serras, cobertas até os cimos de soberbas florestas.

Próximo ao leito dos rios foram abertas picadas que orientavam a divisão da terra em pequenos lotes alongados e contíguos, os quais tinham 200 a 250 metros de largura e 1.000 a 1.500 metros de comprimento (Berri, 1993). Porém, quando a distância entre a picada próxima ao rio e as serras era grande, abria-se outra picada paralela e equidistante, como no Caminho dos Pomeranos e no Caminho dos Tirolezes no vale do rio dos Cedros. Ademais, deve-se acrescentar que, no caso da Colônia Blumenau, o Governo Imperial estimulou a imigração trentina e italiana com o propósito de misturar povos latinos e católicos ao grupo germânico e luterano chefiado por Blumenau (Seyferth, 1990).

O núcleo colonial de Timbó, formado por imigrantes alemães e luteranos, separava a área de imigração trentina e italiana da Colônia Blumenau, formando duas subáreas: uma ao norte, que gravitava em torno do vale do rio dos Cedros; a outra ao sul, espargida nos vales dos afluentes dos rios Benedito e Itajaí-Açu, especialmente na sua margem esquerda como se pode ver no mapa acima. Embora trentinos e italianos estivessem misturados nessas áreas, houve vales em que predominavam uns ou outros, de modo que nos caminhos dos Pomeranos, dos Tirolezes e de Rodeio predominavam os trentinos, enquanto em São Paulo, Ascurra, Guaricanas e São Bernardo a grande maioria era formada por italianos. É importante destacar que esses imigrantes de fala italiana não constituíram colônias oficiais, como ocorreu no sul de Santa Catarina (Otto, 2006), mas foram estabelecidos na periferia da Colônia Blumenau. Como vanguardeiros da colonização em meados na década de 1870, os imigrantes trentinos e italianos estavam confirmados entre colonos de ascendência alemã e a área ocupada escassamente por indígenas.

Mapa – Área de ocupação trentina e italiana da Colônia Blumenau



Fonte: Berri (1988) com redesenho de Letícia Dallabrida Stolf

Nesta direção, este trabalho tem o propósito de compreender duas dimensões da colonização empreendida pelos imigrantes trentinos e italianos na Colônia Blumenau desde a chegada da primeira leva deles (1875) até a Primeira Guerra Mundial. Por um lado, procura colocar o foco sobre a ocupação do espaço colonial, baseado na pequena propriedade familiar policultora, mas também acerca da constituição de sociedades cooperativas. De outra parte, explora a nucleação comunitária em torno das capelas identificadas pelo santo padroeiro, bem como pela disputa pela sede paroquial, que conferia distinção social.

1 PEQUENA PROPRIEDADE E COOPERATIVAS

Assim que os imigrantes trentinos e italianos chegavam à sede da Colônia Blumenau, era feita a distribuição de pequenos lotes de terra, geralmente demarcados com antecedência, e a entrega de uma pequena quantia de recursos para o início da nova vida. Enquanto as mulheres e crianças ficavam na sede colonial, “[...] os pais de famílias e os filhos já homens partiam, em pequenos grupos, todos munidos de foices e machados, encaminhando-se para os seus respectivos terrenos” [sic] (Vicenzi, 1904). Os imigrantes se transformavam em colonizadores, abrindo picadas, tomando posse de seus lotes para construírem suas choupanas e realizar a derrubada da mata para viabilizar as primeiras plantações. No Caminho de Rodeio, as primeiras árvores derrubadas serviram para a confecção de um cruzeiro, de acordo com o cronista franciscano, que diz:

Quando há mais de quarenta anos, os primeiros colonos entraram no Vale de Rodeio, antes de iniciarem a derrubada dos matos seculares conviram entre si de levantar uma Santa Cruz alta na Colônia [...]. As primeiras árvores cortadas serviram para formar um grande Cruzeiro que ali foi plantado qual sinal de fé dos habitantes novos e farol nas duras privações do primeiro tempo de colonização [sic] (Livro..., 1900, p. 30).

Nos locais destinados pela direção da Colônia Blumenau, os homens faziam a derrubada e queimada da mata, bem como a semeadura; construíam suas primitivas choupanas de ripas de palmito e cobertas de folhas de guaricanas. Vencidas as primeiras dificuldades e aproximando-se o tempo da colheita, buscavam as mulheres e crianças na sede colonial para ocupar efetivamente os lotes. Iniciava-se uma nova vida, onde os elementos culturais transplantados pelos imigrantes se adequavam ao meio ambiente porque, como bem expressou certo colono italiano, o dilema era “vencer ou morrer” (Grosselli, 1987). As principais dificuldades foram a adaptação ao clima subtropical, o desbravamento da mata virgem e a relação conflituosa com os indígenas. Em relação ao meio ambiente, significava experimentar o novo porque os imigrantes trentinos e italianos eram oriundos do sul da Áustria e de regiões do norte da Itália com clima temperado e razoável estrutura social; e na Colônia Blumenau estava tudo por fazer. Na luta com a floresta subtropical, esses imigrantes tiveram que enfrentar os constantes ataques de animais selvagens, como o tigre, e as temidas cobras venenosas.

Os imigrantes trentinos e italianos encontraram os povos originários que não eram citados na propaganda em prol da imigração para o Bra-

sil nos seus países de origem. Esses habitantes da floresta eram os Xokleng, que ocupavam o sul do Brasil no espaço entre o litoral e o planalto de Paranaguá e Porto Alegre. Sobre a ocupação dos Xokleng no território catarinense, Santos (1973, p. 32-3), constata:

A tribo dos Xokleng era formada por diversos grupos. Esses eram integrados por 50 a 300 indivíduos. À época da colonização do território ocupado pelos Xokleng, século XIX, havia pelo menos três grupos: um deles vivia no centro do território catarinense, tendo como área principal o médio e alto Vale do Itajaí; o segundo ocupava as cabeceiras do Rio Negro, na atual fronteira de Santa Catarina com o Paraná; o terceiro dominava o sul, com base nos vales do Capivari e Tubarão. Como nômades, entretanto, esses grupos deveriam se subdividir e simultaneamente explorar largas áreas vizinhas a esses locais de maior concentração. [...]

Acossados pela abertura dos caminhos das Tropas que resultaria na fundação de Lages, os Xokleng do alto e médio Vale do Itajaí entraram em choque com os colonizadores europeus, que os chamavam de bugres ou botocudos – devido ao uso de enfeite labial (Santos, 1973). O primeiro choque entre Xokleng e imigrantes alemães ocorreu em 27 de dezembro de 1852 – dois anos após a fundação da Colônia Blumenau –, resultando na morte de um indígena (Dagnoni, 2008). Assim, à medida que a colonização germânica avançava rio acima, os Xokleng, percebendo que seu espaço de sobrevivência reduzia progressivamente, passaram a realizar assaltos aos colonizadores com o intuito de buscar alimentos e utensílios, bem como, certamente, por vingança.

Os imigrantes trentinos e italianos fizeram avançar a colonização em direção ao Planalto Catarinense e se atritaram com os Xokleng nos pontos mais extremos da Colônia Blumenau, onde aconteceram as principais lutas armadas e assassinatos de indivíduos e família de ambas as partes, que foram relatadas por escrito em cartas enviadas aos seus parentes e amigos europeus (Assuntos..., 1985, p. 12-3). No médio Vale do Itajaí-Açu, a comunidade vanguardeira de fala italiana era Aquidan, que era cortada pelo rio do bugre – *bugerbach* em alemão – em uma referência à presença dos Xokleng (Deretti, 1970). Na área do rio dos Cedros, em São José também era área de fronteira, a jovem Tereza Paternolli foi morta pelos indígenas, fato que provocou migração de parte de seus moradores para lugares mais centrais da colonização (Valandro, 1975). Em virtude dos constantes ataques dos indígenas às casas e às plantações dos imigrantes, o diretor da colônia Blumenau, com o apoio do Governo da Província de Santa Catarina, orga-

nizou grupos que realizavam excursões na mata para rechaçar os indígenas, chamados de “batedores do mato”. Contudo, a ação mais violenta foi realizada pelos bugreiros, homens luso-brasileiros provenientes do Planalto Catarinense, que caçavam e assassinavam os indígenas e suas famílias (Deretti, 1970; Finardi, 1976). A ação dos bugreiros era apoiada pela maioria das autoridades da colônia/município de Blumenau e por boa parte da imprensa escrita, convertendo-se em um fato dramático para os Xokleng. O confronto entre indígenas e colonizadores europeus foi marcado pela assimetria de armas e de documentos porque os relatos foram feitos somente por homens brancos.

A floresta subtropical proporcionava abundante coleta, caça e pesca, o que muito contribuiu para suprir boa parte da alimentação dos colonizadores trentinos e italianos nos primeiros tempos da vida na floresta. Nos minifúndios constituídos de terras férteis, realizavam a policultura, isto é, plantavam “um pouco de tudo”, com destaque para o milho e a cana-de-açúcar, e criaram animais necessários à sobrevivência – galináceos, porcos, gado (Berri, 1993). Esse trabalho agrícola era empreendido pelas unidades familiares, que tinham quase autossuficiência porque compravam, em casas comerciais, somente alguns produtos como sal, querosene e ferramentas. Segundo o cônsul italiano de Santa Catarina, no Médio Vale do Itajaí-Açu, era difícil encontrar “diaristas” entre colonizadores italianos e seus descendentes porque “cada um prefere trabalhar seu próprio terreno” (Macdonald, 1983, p. 167). Desta forma, no Brasil constituiu-se uma sociedade camponesa diferente daquela dos latifúndios.

No entanto, à medida que os imigrantes trentinos e italianos iam se estabilizando na nova terra, passaram a comercializar alguns produtos como banha de porco, milho e, sobretudo, o tabaco em folha. Segundo Berri (1993), passaram a cultivar essa solanácea para comercializá-la a partir de meados da década de 1880, que logo se disseminou em escala regional. As folhas de tabaco eram vendidas para as casas comerciais de alemães, localizadas na cidade de Blumenau, que tinham o monopólio de venda para os mercados interno e alemão. A firma Gustav Salinger e Cia., que tinha a matriz e uma filial na sede do município Blumenau³, era a principal delas e comprava a maior parte das folhas de tabaco produzidos pelos trentinos e italianos. O domínio dessas casas comerciais no município de Blumenau foi constatado, no início do século XX, por Vicenzi (1904, p. 52-3), que assevera:

3 A Colônia Blumenau tornou-se município homônimo em 1883.

A cidade de Blumenau é o centro comercial de todo o extenso município. Aí todo o comércio está na mão de alemães. Os alemães pelo que tenho podido notar, têm uma qualidade que lhes é característica: a grande união entre si. Dessa forma, era fácil e até inevitável que os principais homens de negócios fizessem entre si uma liga formidável, contra a qual fosse inútil qualquer tentativa de reação. Assim, em qualquer casa de negócio em que o pobre colono, o lavrador ou o criador de gado se apresentasse, os preços eram iguais. De seus gêneros recebia a paga mínima enquanto tudo o que comprava era a preços exorbitantes.

Figura 1 – Sociedade Cooperativa de Rio dos Cedros no início do século XX



Fonte: Arquivo Nacional (Rio de Janeiro – RJ)

Diante dessa situação desvantajosa, trentinos e italianos reagiram por meio da criação de sociedades cooperativas com o propósito de comercializar o excedente que produziam, bem como comprar produtos por um preço melhor. Segundo Berri (1993, p. 139) “a mais importante e a primeira [cooperativa] a se organizar [entre trentinos e italianos do município de Blumenau]” localizou-se na vila de Rio dos Cedros. Segundo Largura (2019), nesse local, em 1893, foi criada “A Sociedade do Tabaco”, que não teve êxito em boa medida devido a problemas comerciais ligados à Revolução Federalista. Quatro anos depois, uma segunda cooperativa foi instituída, que

também não prosperou. Em 20 de janeiro de 1899, um grupo de 19 colonos, liderados pelo imigrante Andrea Larguna, fundou a *Società Cooperativa di Rio dos Cedros*, que teve sucesso socioeconômico e vida longa. No primeiro ano de funcionamento, essa cooperativa exportou folha de tabaco para a Alemanha e, em seguida, atingiu os mercados italiano e austríaco. Na figura 1 pode-se ver os sócios em frente ao imponente prédio dessa cooperativa, que marcou Rio dos Cedros até meados do século XX. Na década de 1920, instalou uma filial em Indaial, distrito germânico onde havia uma estação da Estrada de Ferro Santa Catarina, que facilitava o transporte de produtos até o Porto de Itajaí; e liderou uma federação com as cooperativas de Rodeio com o intuito de exportar folhas de tabaco.

O pioneirismo na implantação das sociedades cooperativas em Rio dos Cedros se deve ao fato de essa região concentrar maior volume de produção de folhas de tabaco. Certamente por isso, nessa localidade, em 1897, foi instalada a Estação Agronômica e de Veterinária, criada dois anos antes pelo governador do estado de Santa Catarina, Hercílio Luz, como um campo de experiências, visando dar suporte técnico aos colonos (Santa Catarina 1895 apud Santos, 1998). Nesse mesmo ano foi nomeado o seu diretor, Giovanni Rossi, que era de Pisa, formou-se em Medicina e Cirurgia Veterinária e liderou a fundação da Colônia Cecília – uma experiência anarquista formada por italianos que se instalou no município paranaense de Palmeira. Com o fracasso dessa colônia, Rossi foi contratado pelo Governo do Estado para atuar, em Rio dos Cedros, como técnico da sua única escola agrícola, visando melhorar a qualidade da folha de tabaco. Além do seu trabalho técnico como diretor da Estação Agronômica, Rossi ajudou a instituir *La Società* – como era popularmente conhecida a Sociedade Cooperativa de Rio dos Cedros (Santos, 1998).

No início do século XX, foram fundadas cooperativas nas principais localidades da área de colonização trentina e italiana do município de Blumenau. Segundo o cônsul italiano Caruso Macdonald, em 1906, as localidades e as datas de fundação das sociedades cooperativas eram as seguintes: Rodeio I, local onde estava sediada a igreja matriz da Paróquia São Francisco de Assis (1900); Rodeio II (1903) e Ascurra (1904) (Macdonald, 1983), cujos sócios em frente ao prédio da cooperativa podem ser vistos na figura 2. Em 5 de setembro de 1909, o jornal “Novidades” de Itajaí afirma que “[...] o cooperativismo entre os italianos de Blumenau, dia a dia, se desenvolve. Atualmente, existem nesse município sete sociedades cooperativas compostas de colonos de origem italiana” (Notícias..., 1909, p. 2). Além das quatro citadas acima, tratava-se das cooperativas de Rodeio III, de Guaricanas e de Aquidabã. Ademais, a partir da iniciativa de João Mondini, da linha colonial de Guaricanas, na década de 1880, o cultivo do arroz irrigado também passou a

ganhar viabilidade comercial. Assim, algumas cooperativas, como a de Rio dos Cedros, também passaram a adquirir engenhos de arroz para atender à crescente disseminação de arrozais entre trentinos e italianos (Berri, 1993).

Figura 2 – Sociedade Cooperativa “Ascurra” no início do século XX



Fonte: Arquivo José Ferreira da Silva (Blumenau – SC)

Enfim, a consolidação das cooperativas na área de colonização trentina e italiana no município de Blumenau, nas primeiras décadas do século XX, indicava a conquista da autonomia econômica tão almejada por esses imigrantes.

2 SOCIEDADE DA CAPELA E DISPUTA PELA SEDE PAROQUIAL

Os imigrantes trentinos e italianos se empenharam na edificação de capelas. As primeiras eram rústicas e provisórias, construídas de ripas de palmito e cipós e cobertas de folhas recolhidas na floresta e, junto a essas, geralmente atrás, era instalado o cemitério. Logo que possível, as capelas passaram a ser construídas de madeira ou de argamassa, mas ainda não tinham campanário e se assemelhavam às casas. Mesmo assim, foram construídas para a realização do ofício religioso comunitário e, quando da visita de um sacerdote, para a administração dos sacramentos e a realização da missa. As capelas foram construídas em pontos estratégicos dos vales, principalmente nos cruzamentos de picadas e em colinas; o local da edificação delas foi motivo de conflitos em boa parte das localidades, de modo que,

às vezes, a falta de consenso provocou a construção de uma nova capela. Por exemplo, em Ascurra, a dissidência na Capela Santo Ambrósio levou à criação da capela Sagrada Família; no Caminho dos Pomeranos, parte dos moradores construiu nova capela, cuja padroeira passou a ser Santa Maria Madalena. Certamente a sensação de abandono na floresta estimulou os imigrantes a se apegarem ainda mais aos seus santos padroeiros dos locais de origem.

Frei Lucínio Korte, primeiro frei franciscano que atendeu as capelas trentinas e italianas, afirmou que “[...] no decurso dos cinco primeiros anos da chegada dos imigrantes, todos os povoados já haviam construído as suas capelas” (Korte, 1977). Até a década de 1890, quando o processo de imigração-colonização se estabilizou, tinham sido construídas 22 capelas na área de ocupação trentina e italiana da Colônia Blumenau. Este número ultrapassou o plano de colonização do diretor da Colônia Blumenau, que previa uma capela a cada vinte quilômetros, devido ao fato de uma parentela ou parte de comunidade rural europeia imigrar e se reagrupar em uma comunidade de capela, procurando manter o padroeiro do seu local de partida no Trentino ou no norte da Itália.

As capelas foram construídas pelos moradores das diversas localidades em regime de mutirão. No Caminho dos Pomeranos, a capela Nossa Senhora das Dores foi construída com o trabalho comunitário de quarenta famílias. Quando criança, o cônego Jácomo Vicenzi participou desse empreendimento e recorda com emoção, dizendo:

Amo com predileção essa capela [Nossa Senhora das Dores] pela simples razão de nela haver também o fruto dos meus suores [...]. Eu era menino quando, em dias determinados, me juntava a muitos outros companheiros, e então, acompanhados por muitos pais, íamos trabalhar no preparo dos materiais, carregando com eles até o ponto da almejada construção. Esse trabalho espontâneo era para nós um divertimento, uma folia, um verdadeiro delírio (Vicenzi, 1904, p. 40).

O fato de as capelas serem construídas em uma área de pequena propriedade policultora baseada no trabalho familiar, denota uma nova prática no catolicismo no Brasil. Fruto do trabalho comunitário, construída em um terreno doado para a coletividade local e administrada pelos próprios colonizadores trentinos e italianos, as capelas eram propriedades comunitárias. Na sua bagagem cultural, os imigrantes trentinos e italianos transportavam para as novas terras o santo da sua vila de origem e, como eram oriundos de regiões do sul da Áustria e do norte da Itália, os conflitos em torno da

escolha do nome do padroeiro foram inevitáveis. Essa questão geralmente era resolvida pela decisão da maioria e/ou pela intervenção do clero, mas às vezes uma capela tinha dois padroeiros, fato que indica a conciliação entre preferências religiosas de uma mesma comunidade de capela.

As capelas eram os centros sociorreligiosos das comunidades. Aos domingos e dias de festa, eram o local para a realização do ofício religioso comunitário, que consistia na recitação de orações e cânticos, ladainhas, terços e leitura de trechos da Bíblia ou do catecismo. Nas festas religiosas, as reuniões eram mais concorridas, especialmente naquela do padroeiro – denominada *la sagra*. E eram também usadas para realizar os rituais fúnebres, os batizados e os casamentos. A maior parte dos atos religiosos eram dirigidos pelo capelão leigo devido à grande escassez do clero católico na Colônia Blumenau nas primeiras décadas da colonização trentina e italiana, praticamente restrito ao padre Jacobs. Segundo Grosselli (1987, p. 452), o capelão leigo era “fruto da seleção natural entre os colonos, era uma pessoa que sabia ler, entre as mais cultas da comunidade. Comumente um verdadeiro líder natural, outras vezes somente um colono que possuía um missal”. Em uma carta enviada ao jornal *La Voce Cattolica*, de Trento, Curuziano (1985, p. 18-9), pseudônimo de um imigrante trentino, assim descreve a atividade sociorreligiosa do capelão leigo Barba na capela Nossa Senhora da Imaculada Conceição:

[Barba] começou então em Cedros a construir aos poucos uma pequena capela paroquial e com toda a sua família lá nos reuníamos todos os domingos e dias de festa porque não havia até agora ninguém que dirigisse a cerimônia; ele o fazia quando então o começamos a chamar de padre, sem ter ele direito à essa função. Lia em seu livro de pregação [...] e chegando junto à mesa como se estivesse presente o sacerdote lia a Epístola, o Evangelho próprio da festa e o trecho do catecismo do culto católico, escrito por nosso compatriota, Dom Cimadomo, e impresso em Rovereto pela cura do bispo de Trento para uso em escolas e famílias. Ainda lia qual seria a meditação da hora da Boa Morte e prosseguia com o credo pelo restante da missa, exercia função com alto apreço e segundo as normas e circunstâncias. Rezávamos a terça parte do rosário e a leitura de Glória Maria, etc.

Além de dirigir as orações comunitárias, o capelão leigo às vezes também era o professor paroquial e o fabriqueiro – administrador de capela ou igreja matriz – como, por exemplo, Valentino Fruet na capela Nossa Senhora das Dores de Rodeio (Sevegnani, 1931) e Giovanni Trentini na

capela Nossa Senhora das Dores do Caminho dos Pomeranos, sendo que ambos eram lideranças da Ordem Terceira Franciscana – associação católica voltada para os leigos. Alguns líderes de suas comunidades de capela exerciam informalmente a função de juiz de paz e representavam as suas comunidades junto às autoridades da Colônia Blumenau. Enfim, atuavam tanto na condição de autoridade religiosa como civil.

A escassez de visitas do pároco devia-se ao fato de as capelas pertencerem à Paróquia São Paulo de Blumenau, atendida somente pelo padre Jacobs. Muito contribuiu para essa situação, a grande distância entre a igreja matriz e as capelas na área de colonização trentina e italiana, bem como o péssimo estado dos caminhos. Nas visitas, o padre Jacobs celebrava missa, administrava sacramentos, em particular a confissão, a comunhão e o batismo e comunicava avisos eclesiais. Os imigrantes trentinos e italianos reclamavam, de forma insistente, do precário atendimento religioso também por meio de cartas aos seus parentes e amigos europeus. Uma delas, de 1885, diz que “[...] em dez anos que estamos aqui mal sentimos o que é uma missa em dias de festa e aos domingos. Nem uma prédica ou uma doutrina de um sacerdote” (Curuziano, 1985). Outra afirma que “[...] a nossa voz fina desaparece entre o vozerio da multidão e não foi ouvida até o presente momento, eis porque não temos aqui um padre de nossa nacionalidade” (Do Brasil, 1985). Essa crítica era destinada ao padre Jacobs, que era de origem alemã.

No texto intitulado “Documento”, o pároco determinava a localização e os limites de funcionamento das capelas e o procedimento de seus fabriqueiros, enfatizando a importância dos sacramentos como prêmio pela normalidade de funcionamento das capelas (Jacobs, 1886). O controle exercido pelo padre Jacobs sobre os atos religiosos praticados pelos capelães leigos foi apontado em uma correspondência de um imigrante publicada no jornal *La Voce Cattolica*, de Trento, em 1885, que assevera:

Mas, se nós escolhêssemos qualquer prédica ou lêssemos qualquer meditação, ensinar a doutrina de nosso catecismo diocesano por um adulto o que seria fácil a um de nós. Assistir um moribundo e dizer sagradas palavras num enterro, tudo o nosso M. R Pároco de Blumenau proibiu terminantemente; mais ainda, proibiu qualquer cerimônia religiosa em casas particulares, disse ele que o bispo assim o ordenou” (Do Brasil, 1985).

O controle exercido pelo padre vigário na organização e funcionamento das capelas estendia-se às imagens dos santos padroeiros. Na capela Santo Antônio do Caminho dos Pomeranos, “[...] a primeira estatueta de

Santo Antônio foi queimada por ordem do padre que visitava a capelinha [padre Jacobs], embora contra a vontade do povo” (Vicenzi, 1975, p. 30).

Nas modestas capelas passaram a funcionar escolas paroquiais, onde se ensinava, em língua italiana, as primeiras letras e o catecismo católico para meninos e meninas, fazendo avançar a alfabetização. Os mestres-escolas eram escolhidos dentre os colonizadores mais letrados, que geralmente exerciam lideranças nas suas comunidades. O funcionamento dessas capelas-escolas era bastante irregular e precário. Os períodos escolares eram bastante fragmentados, os mestres-escolas eram mal pagos e alguns pais nem sempre se interessavam pela alfabetização dos seus filhos. Os professores eram colonos, que compaginavam o magistério com as atividades agropastoris. As escolas paroquiais tinham grande autonomia, tendo em comum algumas prescrições do padre vigário por ocasião das raras visitas paroquiais.

Desta forma, na área de imigração trentina e italiana da Colônia Blumenau constituiu-se a chamada “sociedade da capela” (Seyferth, 1990, p. 52), em que a grande maioria das instituições comunitárias gravitavam em torno das capelas ou dos oratórios públicos que, além de locais de culto, tornaram-se centros sócio-políticos locais (Dalmolin, 2020). Deve-se salientar que a importância social da capela se multiplicou devido ao enquistamento dos colonizadores trentinos e italianos, que estabeleceram comunidades com alto grau de homogeneidade étnica. Isso se acentuou pelo fato de não constituírem uma colônia oficial, mas estarem localizados na periferia da Colônia Blumenau. De outra parte, a capela ganhou ainda mais importância em virtude da quase ausência de poderes civis municipais ou estaduais como ocorreu em outras áreas de colonização europeia no sul do Brasil. Enfim, devido ao enraizamento da capela em uma área de pequena propriedade policultura calcada na mão de obra familiar.

Deve-se notar que, nas suas regiões de origem, os imigrantes trentinos e italianos tinham em cada localidade uma sede paroquial assistida por no mínimo um sacerdote, que lhes proporcionava atendimento religioso cotidiano. Em áreas de imigração europeia no sul do Brasil, devido à precária estrutura eclesiástica, foram criadas paróquias que abrangiam grandes áreas territoriais, que tinham uma igreja matriz e um número elevado de capelas filiais, sendo atendida por um número reduzido de sacerdotes (Galioto, 1987). Trata-se, portanto, de um novo modelo de administração eclesiástica gerado pela falta de sacerdotes.

Na Colônia Blumenau, o padre Jacobs atuou sozinho como padre vigário da Paróquia São Paulo, realizando visitas paroquiais para dezenas de capelas formadas por imigrantes alemães, trentinos e italianos.

Essa situação se alterou somente em 1892, quando o padre Jacobs entregou a direção dessa paróquia para o clero franciscano. A área de povoamento trentino e italiano, que concentrava o maior número de católicos, passou a receber visitas paroquiais com mais frequência. Em seguida, a Ordem Franciscana instalou um núcleo na vila de Rodeio e liderou a comunidade local na construção de uma nova igreja, benta em 1899. No ano seguinte, foi criado o curato⁴ São Francisco de Assis, cuja igreja matriz homônima (ver figura 3) passou a satelizar as outras capelas na área de colonização trentina e italiana no município de Blumenau, transformando a vila de Rodeio no centro pastoral da região. Os padres franciscanos eram alemães e se fixaram na vila de Rodeio devido ao fato de concentrar maior número de trentinos e, em 1909, ter sediado a Liga Austro-Brasileira, que promovia valores austríacos e festejava o aniversário de Francisco José, imperador da Áustria e rei da Hungria (Dalmolin, 2020). Os trentinos tinham traços germânicos na sua cultura italiana e palavras alemãs no seu dialeto.

Figura 3 – Igreja matriz São Francisco de Assis, de Rodeio



Fonte: Paróquia São Francisco de Assis de Rodeio

4 Território rural de uma diocese sobre a qual prevalece a jurisdição pastoral do cura. Equivalente a paróquia, cuja igreja matriz localizava-se em uma cidade e era pastoreada pelo pároco.

A ação do clero franciscano provocou um inegável florescimento das capelas. O sinal arquitetural desse processo foi a construção de novas e grandes igrejas de argamassa, geralmente no cume das colinas. As associações religiosas, formadas por leigos e dirigidas pelo clero tiveram um crescimento significativo. Assim, a Ordem Terceira Franciscana, que existia de forma embrionária, foi reestruturada e capilarizada em quase todas as capelas; foram criados o Apostolado da Oração, destinado aos devotos do Sagrado Coração de Jesus, a Pia União das Filhas de Maria (para as moças solteiras) e a União de São José (para os moços solteiros). Concebidas como espaço catequético sistemático, as escolas paroquiais foram reestruturadas por meio do estabelecimento de um currículo paroquial comum e pela seleção rigorosa e formação dos mestres-escolas. Essa rede de escolas de primeiras letras, sob a supervisão do clero franciscano alemão, contou com o trabalho docente das Irmãs da Divina Providência, de ascendência germânica, que estabeleceram uma residência na vila de Rodeio. Por fim, o vigor pastoral impresso pelo clero franciscano é constado por meio da publicação do jornal *L'Amico – periodico settimanale del popolo cattolico*, que circulou, todo o fim de semana, de 1904 a 1917 (Dalmolin, 2020).

De outra parte, o clero franciscano sofreu resistência renhida de algumas capelas que ele dava assistência religiosa, particularmente a partir da criação do curato de São Francisco de Assis, cuja igreja matriz homônima era localizada na vila de Rodeio. O movimento antifranciscano tinha o seu epicentro mais organizado na capela Santo Ambrósio de Ascurra, que reivindicava o *status* de igreja matriz. A comunidade dessa capela, formada por grande maioria de imigrantes do Vêneto e da Lombardia, recusou as visitas paroquiais dos padres franciscanos de forma sistemática e, além de exigir a criação de um curato, reivindicava a assistência de padres italianos. Na capela Nossa Senhora da Imaculada Conceição de Rio dos Cedros, a resistência ao clero franciscano era mais pulverizada, mas não menos intensa e incisiva. Como em Ascurra, a comunidade dessa capela solicitava, por meio de abaixo-assinados, o *status* de curato e a assistência de sacerdotes da Itália. Em nível regional, tratava-se das duas principais capelas, que buscavam autonomia religiosa.

Figura 4 – Escola Silvio Pellicco de Aquidaban

Fonte: Acervo de Miguel Deretti

A resistência comunitária ao clero franciscano materializou-se, de forma ainda mais explícita, nas escolas Dante Alighieri. O estabelecimento dessa rede escolar foi provocado pelo corte sistemático do conteúdo italianófilo nas escolas paroquiais por parte do clero franciscano, que recebia do Consultado Italiano – fundado em Florianópolis em 1896 – subsídios e material escolar. Na sua visita ao município de Blumenau, em 1906, o cônsul italiano Caruso Macdonald constatou que nas escolas dos imigrantes italianos, dirigidas pelos padres franciscanos, “ensinava-se italiano mais por exigência da fé, que por espírito de patriotismo” e que os manuais escolares enviados pelo Consulado Italiano não estavam sendo utilizados (Macdonald, 1983, p. 173-4). No mesmo ano, com o patrocínio do Consulado Italiano foi estabelecida a primeira escola Dante Alighieri na vila de Ascurra que inicialmente funcionou na capela Santo Ambrósio – refratária às visitas do clero franciscano –, mas em seguida teve prédio próprio. As lideranças dessa escola, encabeçadas por Ermembergo Pellizzetti, proibiram a ingerência do clero franciscano e procuraram expandir o modelo escolar que adotavam. Em 1913, na área de colonização italiana do município de Blumenau havia nove escolas Dante Alighieri, que tinham o nome do famoso poeta florentino ou de um herói italiano do oitocentos como o de Silvio Pellico (ver a figura 4) ou Giuseppe Verdi. Em algumas localidades, a escola Dante Alighieri substituiu a escola paroquial; em outras, essas escolas conviviam

lado a lado, indicando a divisão da comunidade (Otto, 2006).

Com o estabelecimento das escolas Dante Alighieri, a rede escolar paroquial entrou em crise porque perdeu os subsídios do Consulado Italiano e sofria concorrência. Como resposta a essa situação, em 1913, os padres franciscanos convidaram três jovens do Caminho de Rodeio, que pertenciam às associações Filhas de Maria e Ordem Terceira Franciscana, para atuarem como professoras das escolas paroquiais mais periféricas e geralmente formadas por maioria de imigrantes trentinos. Em 14 de janeiro de 1915, na capela de São Virgílio do Caminho, de Rodeio, essas jovens fizeram uma promessa pública de se consagrar a Deus por meio do trabalho nas escolas paroquiais, sendo chamadas de “catequistas”. Nascia naquele dia a Congregação das Irmãs Catequistas, que se expandiu, de modo vertiginoso, no Vale do Itajaí-Açu e em Santa Catarina (Otto, 2006).

O movimento de resistência ao clero franciscano na área de colonização italiana do município de Blumenau começou a ser contornado em 1916, quando o bispo diocesano, D. Joaquim Domingues de Oliveira, designou um grupo de padres salesianos de nacionalidade italiana para assumir a direção do curato Santo Ambrósio, de Ascurra (Finardi, 1976). Dois anos depois, os discípulos de Dom Bosco passaram a administrar também o curato de Nossa Senhora da Conceição, de Rio dos Cedros (Fraga, 2020). Não sem razão, nessas comunidades se encontravam os principais focos de conflito entre o clero franciscano e italianos, superado pela atuação dos padres salesianos imigrados da Itália.

Em 1917, no apogeu da Primeira Guerra, o Governo do estado de Santa Catarina determinou o fechamento das escolas estrangeiras, podendo ser reabertas, no ano seguinte, mediante a introdução da Língua Portuguesa e de conteúdos nacionalistas. Sob a direção dos padres franciscanos e salesianos e com o suporte das freiras da Divina Providência e das Irmãs Catequistas, entre trentinos e italianos as unidades escolares foram reabertas como escolas paroquiais, que mantiveram o seu vigor até a ditadura do Estado Novo.

Em torno do ano de 1918 ocorreram transformações significativas entre trentinos e italianos do município de Blumenau. Nesse ano, com o fim da Primeira Guerra, o Trentino passou a integrar o território da Itália, de modo que trentinos e seus descendentes deixaram de ser súditos do Império Austro-Húngaro para se tornarem italianos, amenizando a diferença e a tensão entre esses dois grupos que falavam dialetos italianos. E, com a presença dos padres salesianos em Ascurra e em Rio dos Cedros, concretizou-se nessas localidades/curatos o sonho de ter sacerdote fixo e de nacionalidade italiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora os imigrantes trentinos e italianos não tivessem encontrado na Colônia Blumenau vilas estruturadas como comunicava a propaganda para estimular a emigração no Trentino e no norte da Itália, eles puderam adquirir um lote de terra por um preço módico, tornando-se proprietários rurais. Assim, ajudaram a construir de uma sociedade diferente no sul do Brasil e no Espírito Santo, calcada na pequena propriedade policultora com mão de obra familiar. Pelo fato de seus produtos excedentes, particularmente as folhas de tabaco, serem vendidas para as casas comerciais da cidade de Blumenau, monopolizadas por alemães, desde a última década do século XX, os imigrantes de dialetos italianos estabeleceram sociedades cooperativas, conquistando autonomia econômica e ganhando mais na venda de seus produtos. Os imigrantes trentinos e italianos, portanto, conquistaram a autonomia tão sonhada, de forma ativa, no campo econômico. através do estabelecimento de cooperativas.

De outra parte, esses imigrantes se nuclearam socialmente em torno das capelas que eles construíram e com o santo padroeiro da sua preferência, geralmente transplantado das suas localidades de origem. É importante frisar que a sociabilidade em torno das capelas foi atravessada por conflitos, inicialmente pela escolha do santo padroeiro e/ou do local de construção das mesmas, bem como devido à nacionalidade germânica dos padres que davam assistência religiosa. Essas tensões se acentuaram com o estabelecimento dos padres franciscanos alemães na vila de Rodeio e a transformação da capela desse povoado em igreja matriz do curato São Francisco de Assis. A luta pelo *status* de curato com padre fixo se imbricou com questões de nacionalidade, produzindo resistência ao clero franciscano alemão em capelas filiais, nas escolas Dante Alighieri e mesmo em algumas cooperativas. A superação dessas lutas fratricidas ocorreu, a partir de 1916, sobretudo pelo estabelecimento de padres salesianos italianos nos curatos de Ascurra e de Rio dos Cedros.

Na área de povoamento trentino e italiano da Colônia Blumenau, a sociedade camponesa policultura baseada na mão de obra familiar entre imigrantes trentinos e italianos apresentava pouca desigualdade social nas comunidades, exceto alguns comerciantes, que tinham algumas vantagens econômicas e políticas. No entanto, no seu mosaico étnico-nacional, havia uma hierarquia bem marcada: o domínio dos alemães na economia, política e religião; trentinos e italianos na área de vanguarda da colonização; desprestígio de luso-brasileiros e expulsão/exterminio dos povos primitivos. Entre imigrantes trentinos e italianos, havia uma clara assimetria de gênero, de modo que os postos públicos de comando eram exercidos por homens

na condição de padres, fabriqueiros, capelães leigos e mestres-escolas. A feminização do magistério começou a se colocar, efetivamente, com atuação das Irmãs Catequistas, mas outras atividades comunitárias continuaram sendo chefiadas por homens.

Enfim, os trentinos e italianos que se estabeleceram na colônia Blumenau, cujo território atual integra os municípios de Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra e Apiúna, bem como parte de Timbó, formaram uma sociedade calcada na pequena propriedade policultora trabalhada com mão de obra familiar e nucleada em torno das capelas, que agregavam as instituições comunitárias. Desta forma, foi instituído um tipo de sociedade marcada por altos índices de alfabetização, até bem pouco tempo fruto da obra de padres e freiras, e por baixos níveis de desigualdade social e quase pleno emprego. Em boa medida, nessa configuração social está impressa a marca da busca de autonomia e do empreendedorismo dos imigrantes trentinos e italianos.

REFERÊNCIAS

- ASSUNTOS pátrios – imigrantes assaltados por índios. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, v. 26, n.1, p. 12-3, jan.1985.
- BERRI, Aléssio. **A Igreja na Colonização Italiana no Médio Vale do Itajaí**. Blumenau: “Casa Dr. Blumenau”, 1988.
- BERRI, Aléssio. **Imigrantes italianos, criadores de riquezas**. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1993.
- BOHN, Padre Antônio. Registros de Tombo anotados pelo Pe. Jacobs. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, v. 30, n. 6, p.170, jun.1989.
- CURUZIANO, A. M. Blumenau na Província de Santa Catarina no Brasil. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, v. 26, n. 1, p. 17-8, jan. 1985.
- DAGNONI, Cátia. **O choque entre dois mundos: o contato entre o índio e o branco na colonização do Vale do Itajaí – um estudo sobre a interpretação do imigrante europeu a respeito dos Xokleng 1850-1914**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Fundação Regional de Blumenau – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, 2008.
- DALMOLIN, Gabriel. **A sociedade da capela: trabalho, fé e educação no povoado de Rodeio (1883-1904)**. Blumenau: Edifurb, 2020.
- DERETTI, Miguel. **Apiúna nos meus apontamentos**. Porto Alegre: Editora Escola Gráfica Dom Bosco, 1970.
- DO BRASIL. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, v. 26, n. 1, p. 14, jan.1985.

- FRAGA, Andrey José Taffner. **Rio dos Cedros: o coração Trentino do Brasil**. Rio dos Cedros. Ed. do Autor, 2020.
- FINARDI, José E. **Colonização italiana em Ascurra**. Blumenau: Gráfica 43, 1976.
- GALITO, Antônio. O significado das capelas italianas no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, L. A. **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia, 1987. p. 293-312.
- GROSSELLI, Renzo Maria. **Vencer ou morrer: camponeses trentinos (vênetos e lombardos) nas florestas brasileiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.
- JACOBS, José Maria. **Documento**. Blumenau, 7 set. 1886.
- KORTE, Lucínio. Documento histórico. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau, v. 18, n. 2, p.49, 1977.
- LARGURA, Andrea. A Sociedade de Rio dos Cedros. In: COMEMORAÇÃO do 50º aniversário de Blumenau: 1850 – 2 de setembro – 1900. Blumenau: Edifurb, 2019. p. 137-140.
- LIVRO de Tombo do Curato São Francisco de Assis de Rodeio. Rodeio, 1900.
- MACDONALD, Caruso. O Estado de Santa Catarina e a colonização italiana. In: DALL`ALBA, João Leonir (org.). **Imigração italiana em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1983. p. 146-182.
- NOTÍCIAS Blumenau. **Novidades: órgão noticioso**. Itajahy, n. 275, 05.set.1909. p. 2.
- OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875-1930)**. Florianópolis: Insular, 2006.
- SANTOS, Lucy Woellner dos. **Estação Agronômica e de Veterinária no Estado (1895-1920): uma abordagem histórica sobre o início da pesquisa agrícola em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.
- SANTOS, Sílvio Coelho. **Índios e brancos no sul do Brasil: a dramática experiência dos Xokleng**. Florianópolis: Edeme, 1973.
- SEVEGNANI, G. Valentino Fruet. **O semeador**. Rodeio, abr.1931.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Universidade de Brasília, 1990.
- SILVA, José Ferreira. **História de Blumenau**. Florianópolis: Edeme, 1972.
- VALANDRO, Ferdinando. **Pequena história dos imigrantes de Rio dos Cedros**. Rio dos Cedros, 1975.

VICENZI, Jácomo. **Viagem ao Estado de Santa Catharina em 1902**. Nicteroy: Typ. Amerino, 1904.

VICENZI, Victor. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1975.

Recebido em: 27/06/2024

Aceito em: 25/07/2024